

# De cara para o futuro

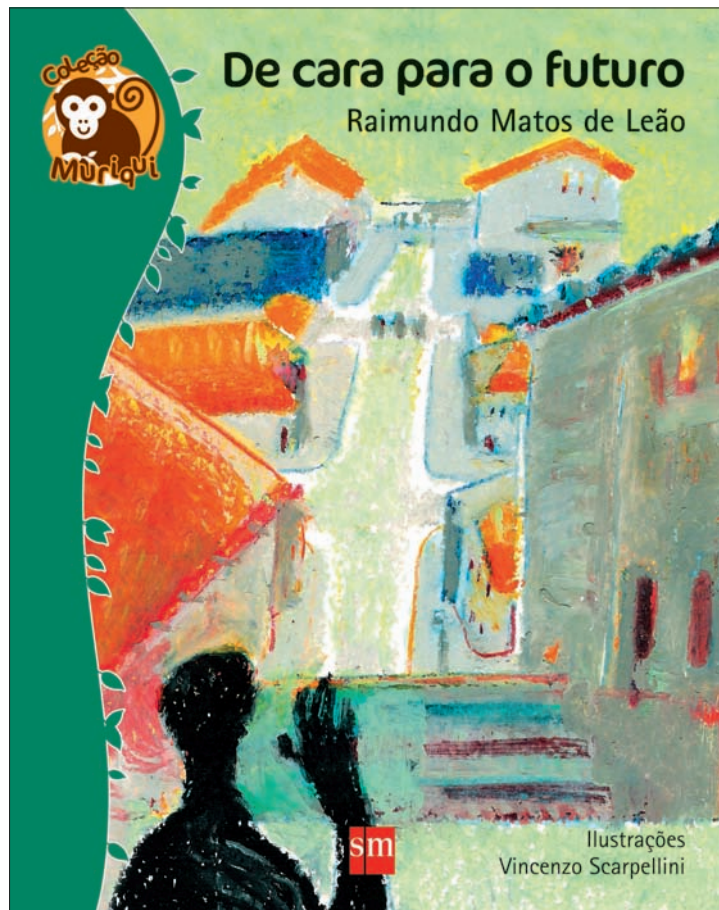
Raimundo Matos de Leão

Ilustrações Vincenzo Scarpellini

Temas Amadurecimento; Relação familiar;  
Ditadura militar no Brasil



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



176 páginas

O LIVRO *No centro do livro De cara para o futuro* estão destacadas as certezas e as dúvidas de um adolescente que vive seu processo de amadurecimento numa pacata cidade do interior, onde todos os valores estão congelados pelo conservadorismo. Ao mesmo tempo, em anos de luta — como foram os anos 1960 no Brasil e no mundo — o adolescente anseia um mundo novo, tal como lhe mostram as páginas dos livros que tanto ama e as imagens de filmes decisivos para sua formação.

**COMPLEXIDADE DO TEXTO** A partir de 13 anos. Texto narrado em terceira pessoa, organizado com base nas reflexões e vivências de um adolescente de 16 anos, Gabriel, para quem as perspectivas quanto ao futuro dependem de sua força pessoal e da aceitação familiar. Seu cotidiano, numa pequena cidade interiorana do Nordeste brasileiro, revela a limitação da vida provinciana, agravada pelo momento histórico em que se impõe a ditadura no Brasil.



200896274987

## POR QUE ESTE LIVRO?

O quadro histórico – brasileiro e mundial – dos anos 1960 é objeto do interesse dos adolescentes. Poucas vezes, porém, podem discuti-lo no âmbito escolar, dado que os currículos obrigatórios, devido à sua extensão, raramente permitem que se alcance a apresentação dos temas da história contemporânea.

*De cara para o futuro* possibilita que, a partir da história de Gabriel, narrada pelo ângulo de sua própria compreensão dos problemas, se recupere a conturbada dinâmica desses anos. O fato de Gabriel morar numa cidade afastada dos centros traz mais um encanto: como os adolescentes de hoje, ele também parece estar fora do palco dos acontecimentos e seu desejo é lançar-se à estrada, forjar seus caminhos.

Durante os anos 1960, no Brasil e no mundo, configuraram-se novos valores e atitudes da juventude, bem como surgiram projetos político-culturais inovadores. Se até meados da década de 1950 pode-se dizer que os jovens reproduziram os valores transmitidos pela geração anterior, a partir do final dessa década, o cenário que se abriu com a Guerra Fria e a polarização política entre os países socialistas e capitalistas exigiu reflexões e posicionamentos ideológicos decisivos.

Muitos eventos importantes confirmam esse novo palco histórico: a Revolução Cubana (1959); a luta revolucionária de Ernesto “Che” Guevara nas selvas da Bolívia até sua morte, em 1967; a intensificação da luta dos norte-vietnamitas contra os ataques norte-americanos que visavam conter o avanço das tropas comunistas, a partir de 1964, na conhecida Guerra do Vietnã; a Revolução Cultural Chinesa, iniciada em 1966 sob a liderança do líder socialista Mao Tsé-tung... Tais eventos, entre outros, colocavam em cena novas tentativas de construir um mundo novo, que não repetisse os dilemas e as desigualdades capitalistas.

As tensões entre esquerda e direita também se refletiram no Brasil e se acentuaram após a renúncia do presidente Jânio Quadros, em 1961. Apesar do veto das Forças Armadas, para quem o vice-presidente João Goulart servia a interesses da esquerda, este assumiu a presidência. O Plano Trienal, a partir do qual o presidente pretendia fazer reformas estruturais profundas – as famosas “reformas de base”, que incluíam, entre outras medidas, a reforma agrária –, assustava a elite. ▶



▶ Nesse contexto, floresciam os debates político e cultural: os Centros Populares de Cultura (CPCs), criados por estudantes universitários, buscavam aproximar a arte e a população trabalhadora; os grupos teatrais, como o Arena (de Augusto Boal) e o Oficina (de José Celso Martinez Corrêa), e o Cinema Novo (cujo principal representante foi Glauber Rocha) procuravam discutir no teatro e no cinema as desigualdades sociais brasileiras; os Festivais da Canção, sobretudo a partir de 1965, traziam ao palco novos movimentos musicais, como a música de protesto (com Geraldo Vandré, entre outros), o tropicalismo (de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto), e a retomada do samba e da canção urbana com conteúdo crítico (Chico Buarque).

Mas a efervescência ideológica, cultural e política contrariava interesses nacionais e internacionais. Em 13 de março de 1964, o comício de Jango na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, no qual o presidente radicalizava seu discurso e prometia a reforma agrária e a reforma urbana, assustou a elite, as Forças Armadas e setores da classe média. Os conflitos se radicalizaram e, em 31 de março de 1964, ocorreu o golpe militar. Em outubro de 1965, com o Ato Institucional no 2, extinguíram-se os partidos políticos e foram criados em seu lugar a Aliança Renovadora Nacional (Arena) – formada por políticos de direita que apoiavam o governo militar – e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), a oposição consentida – formado por setores do centro e da esquerda. As liberdades políticas estavam suspensas, e nos anos seguintes se instalou uma dura repressão a todas as manifestações de crítica ao regime e a todos os movimentos que procuravam restabelecer a democracia.



## O TEXTO EM FOCO TEMAS EM DISCUSSÃO

### A MORTE DO PAI

A figura paterna surge no romance nas primeiras linhas, despertando sentimentos contraditórios em Gabriel.

Em meados dos anos 1960, a figura do pai ainda significava plenamente a do provedor familiar, bem como a função da autoridade inquestionável. O adolescente mal podia enfrentar a

## Dica

É importante que na discussão com os adolescentes privilegiem-se as informações que revelem diversos pontos de vista. Se, na atualidade, a figura do pai não é mais, necessariamente, o centro da vida familiar, é decisivo que se compreenda que a mudança do modelo aconteceu historicamente. Nesse sentido, valeria a pena promover reflexões sobre a condição histórica da família, bem como sobre as transformações imensas que a sociedade sofreu ao longo do século XX. Isso possibilitará que cada um reflita sobre sua própria história familiar e busque compreender de que modo ela representa o fundamento dos valores – a serem reafirmados, questionados ou negados – para cada um, ao longo de seus projetos de vida.



diferenciação do modelo, a não ser que entrasse em confronto direto com ele. No caso de Gabriel, se seu pai despertava admiração – pelas iniciativas culturais, pela alegria e pelo bom humor –, também o movia a desilusões – pelo autoritarismo e pelo conservadorismo político.

Mas, na luta por diferenciar-se da figura paterna, o adolescente vive o dilema da orfandade repentina e todos os ônus que ela acarreta. A ameaça econômica de que não poderá realizar seu grande sonho – sair da pequena cidade para estudar na capital – é vivida também como mais uma grande perda.

Eis aí um tema da maior importância para os adolescentes. Ao buscar constituir sua identidade, o jovem tende a recusar os modelos familiares. Quando, porém, por questões culturais e afetivas, há obstáculos a esse enfrentamento, pode ocorrer uma rebeldia injustificada, ou o conformismo excessivo, ou, ainda, o amadurecimento forçado. Gabriel, de algum modo, torna-se mais rebelde e sofre pelas injustiças que comete em nome da rebeldia. No entanto, também evita conformar-se. Os livros, os filmes e a imaginação serão seus grandes aliados. Mal sabe ele, porém, que seu pai não o deixou desamparado e que seus temores serão superados.

## A VIDA BESTA

Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema chamado “Cidadezinha qualquer”, no qual se desmistifica o encanto da vida provinciana. Dizem os versos:

*Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.*

*Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.*

*Devagar... as janelas olham.  
Eta vida besta, meu Deus.*

Publicados em 1930 no livro *Alguma poesia*, tais versos poderiam valer para o jovem Gabriel, que lamenta viver numa cidade onde tudo tem de estar dentro das normas previstas. Sua irmã, Gilca, e seu cunhado, Alencar, representam para ele a “vida besta”: pensar apenas nos valores materiais, deixar tudo permanecer igual, moral e politicamente. O delegado e o diretor da escola são a representação acabada dos valores conservadores que norteiam o lugar:

## Dica

*De cara para o futuro* dá oportunidade para que os adolescentes se aprofundem no panorama da história contemporânea, sobretudo após o término da Segunda Guerra Mundial, sem que haja comprometimento com algum conteúdo programático mais preciso. A curiosidade sobre os grandes marcos da história recente que povoa o imaginário juvenil abre espaço para que a discussão flua a partir de interesses variados. Pode-se sugerir que busquem informações sobre a Guerra do Vietnã, Maio de 1968, a Revolução Cultural Chinesa, a Revolução Cubana, a ditadura no Brasil, por meio de algumas palavras-chave que provoquem curiosidade: por que Che Guevara tornou-se um símbolo? Quem foi Mao Tsé-tung? O que foi a revolução sexual? O que o golpe militar brasileiro pretendia estabelecer como modelo de desenvolvimento para o País? Temos aqui, então, uma ótima ocasião de colocar esses temas para que os adolescentes possam buscar informações e estabelecer reflexões sem idealizar excessivamente aqueles “anos rebeldes”.



tudo que é diferente, inovador, é também subversivo, “comunista” – e precisa ser eliminado, censurado, coibido, como tentam fazer com a professora Zélia e o jovem norte-americano Jack.

Mesmo que a vida seja em aparência absolutamente correta, a cidade reproduz os preconceitos: a classe média tem cultura, os sertanejos não; as mulheres devem satisfazer os interesses dos homens e, quando se trata de desejos sexuais, é preciso haver bordéis, para que os meninos provem que se tornaram homens e garanta-se que as meninas “de família” permaneçam virgens.

Muitos desses valores ainda vigoram em alguns locais e/ou núcleos, mas, desde a geração *beat*, o movimento *hippie* e especialmente desde o chamado “Maio de 1968”, quando estudantes franceses tomaram a Universidade de Sorbonne, as palavras de ordem da revolução sexual, da luta contra a sociedade de consumo e do triunfo do desejo buscavam implodir as barreiras do conservadorismo e da tradição.

De modo geral, os adolescentes têm muita curiosidade sobre o processo ocorrido nos anos 1960, também pela forte glamourização da luta estudantil empreendida pela mídia, como se tal luta estivesse limitada à revolução de costumes. Desse ponto de vista, *De cara para o futuro* traz a possibilidade de os adolescentes entenderem a transformação que se operava naqueles anos, bem como o fascínio que isso exercia sobre aqueles que estavam, como Gabriel, distantes do centro dos acontecimentos.

## EM TEMPO

### OS ANOS REBELDES

Toda a história de Gabriel se dá à margem dos grandes eventos dos anos 1960, que ele conhece mais pelos livros do que por qualquer experiência direta. Esses anos trouxeram muitas contestações também no plano da cultura. Uma delas é conhecida como a geração *beat*, cujos principais líderes foram Allen Ginsberg, William Burroughs e Jack Kerouac, autor de *On the road* – *Pé na estrada*, obra que se tornou símbolo de revolta e de busca da liberdade: rompendo com a vida pacata, um grupo de jovens sai pelas estradas, em suas motocicletas, à procura de emoções fortes e contra o aprisionamento da sociedade burguesa, que condenava os jovens à submissão e ao conformismo, reproduzindo os mesmos velhos valores, herdados de “nossos pais”, como diria, em versão nacional, a canção de Belchior, “Como nossos pais”.

## Dica

Os adolescentes lutam por transformar os modelos pelos quais foram educados e quase sempre defendem um comportamento não-conformista, rebelde e contestador. Nos anos 1960, porém, a contestação tinha um alcance político diverso dos movimentos atuais, também porque se vivia um período em que a luta contra o domínio da sociedade de consumo tinha poder contestatório. Talvez os adolescentes se interessem em pesquisar e descobrir por que a luta contra a sociedade de consumo e contra a sociedade dominante não deu os resultados previstos naqueles “anos rebeldes”. Talvez possam interessar-se em entender as razões pelas quais a utopia da sociedade socialista fracassou nos movimentos de resistência armada e por que triunfou a chamada “sociedade do espetáculo”.

Mas as ousadias da geração beat, mesmo que fossem acusadas de “subversivas e comunistas” pelo plantão conservador norte-americano e mundial, não se comprometiam efetivamente com a luta política, tal como fariam os movimentos dos anos seguintes.

Com o recrudescimento na Guerra do Vietnã, os movimentos libertários também cresciam. A vontade de contestar os valores burgueses fez surgir a chamada “geração *hippie*”, que acreditava ser possível um mundo novo, negando a sociedade de consumo.

Mas nem tudo era o “poder das flores” defendido pelo movimento *hippie*, que rapidamente se espalhou por outros países, além dos Estados Unidos.

No Brasil, logo após o golpe militar de 1964, os estudantes universitários brasileiros, organizados na União Nacional dos Estudantes (UNE), criavam o Centro Popular de Cultura (CPC). A canção popular tornava-se foco das dinâmicas culturais, com os famosos Festivais da Canção. À medida que crescia a repressão no Brasil, articulavam-se grupos de luta armada, a exemplo do modelo cubano (no campo), e a guerrilha urbana. A história dos movimentos da resistência armada no Brasil contra o regime ditatorial instalou-se a partir de 1968, sobretudo. E certamente seria a história que Gabriel presenciaria ao sair de sua pequena cidade.

## DICAS DE LIVROS

### PARA O PROFESSOR

*Paris, 1968: as barricadas do desejo*, Olgária Matos. Brasiliense, 1981.

*Culturas da rebeldia*, Paulo Sérgio do Carmo. Editora Senac, 2001.

*Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*, Alfredo Sirk. Global, 1994.

*On the road – Pé na estrada*, Jack Kerouac. L&PM, 2000.

*Cinzas do norte*, Milton Hatoum. Companhia das Letras, 2005.



## PARA O ALUNO

*Sem destino*, Jack Kerouac. L&PM, 2004.

*O apanhador no campo de centeio*, J. D. Salinger. Editora do Autor, 1999.

*1968: o ano que não terminou*, Zuenir Ventura. Nova Fronteira, 1988.

*Quarup*, Antonio Callado. Nova Fronteira, 1987.

## DICAS DE FILMES

---

### PARA O PROFESSOR

*Os sonhadores (The dreamers)*. Direção de Bernardo Bertolucci, 2003.

*Sem destino (Easy rider)*, baseado no livro *Easy rider*, de Lee Hill. Direção de Dennis Hopper, 1969.

*Diários de motocicleta (The motorcycle diaries)*. Direção de Walter Salles, 2004.

*Edukators (Die fetten Jahre sind vorbei)*. Direção de Hans Weintgartner, 2004.

### PARA O ALUNO

*Apocalipse now*, baseado no romance *No coração das trevas*, de Joseph Conrad. Direção de Francis Ford Coppola, 1979.

*O que é isso, companheiro?*, baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira. Direção de Bruno Barreto, 1997.

*Quase dois irmãos*. Direção de Lucia Murat, 2004.

*Jango*. Direção de Silvio Tendler, 1984.

## DICAS DE SITES

---

### PARA O PROFESSOR

[www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdt](http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdt)

<http://almanaque.folha.uol.com.br/cronologia>

[www.mac.usp.br/exposicoes/99/mescolha/tteixeira.html](http://www.mac.usp.br/exposicoes/99/mescolha/tteixeira.html)



## REFLETINDO COM OS ALUNOS

---

A discussão dos vários temas propostos decerto não deve sobrepor-se ao interesse despertado pela leitura de *De cara para o futuro*. Assim, é fundamental que o elenco dos assuntos que suscitam curiosidade seja apresentado pelos próprios adolescentes. São eles que decidirão quais aspectos os interessam diretamente.

A proposição de que os próprios adolescentes decidam as áreas pelas quais têm interesse permite que se inclua aí um dos temas mais caros ao livro. A construção do futuro não implica necessariamente a construção de um futuro individual: para Gabriel, Ulisses, Jack, o futuro tem de ser pensado para todos. Como os adolescentes de hoje se sentem diante da utopia de um mundo mais justo?



---

ELABORAÇÃO IVONE DARÉ RABELLO, PROFESSORA-  
DOUTORA DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO;  
REVISÃO GISLAINE MARIA DA SILVA, MÁRCIA MENIN